



Começa-se a discutir no movimento sindical, com mais ênfase, as questões relacionadas à saúde dos trabalhadores. Até então a defesa de sua qualidade de vida vinha sendo relegada a um degrau inferior pelos administradores e inclusive por nós, sindicalistas. As condições de trabalho devem ser o centro do interesse sindical de agora em diante. A luta pela redução da jornada de trabalho, por exemplo, já está na ordem do dia em nossas lutas.

Nós, do Judiciário, executamos tarefas muito estressantes (como atendimento ao público), repetitivas, manuais. Muitos de nós despendemos, inclusive, muito esforço físico ao ter que procurar processos em lugares altos ou muito baixos, em gavetas emperradas, superlotadas, carregar vários volumes, na maioria das vezes sem o auxílio do carrinho, por causa do grande movimento do balcão e da preocupação com a pessoa que está esperando do outro lado, que reclama, às vezes de forma agressiva, com frases que expressam o senso comum, colocando-nos como detentores de privilégios, burocratas, dificultadores da vida do cidadão comum, responsáveis pela situação precária em que se encontra o Judiciário e pelo caos e pela falência do Estado brasileiro, ou seja, como um grupo que obstaculiza a modernização do Brasil.

No final do dia, muitas vezes, nosso sentimento de cansaço físico e mental é enorme. Sentimo-nos fracos, impotentes e muito revoltados. Essa sensação de impotência é maior ainda quando reclamamos, apontamos os problemas e não somos ouvidos com a devida seriedade. Tudo é interpretado como problema "pessoal", psicológico. Algumas vezes obtemos respostas evasivas de nossos chefes ou em forma de brincadeiras, que até nos fazem sentir culpados por não estarmos conseguindo cumprir, com tanto engajamento, as tarefas. Ouvimos frases tais como "leva a coisa para o lado positivo. Pensa que tu vais emagrecer fazendo ginástica no balcão. Se estás reclamando agora, imagina então quando estiveres prestes a te aposentar, como estarás?!". Ora, isso é extremamente irritante para quem está insatisfeito, com o corpo doído, já com os primeiros sinais de doenças do trabalho. Certamente, qualquer um preferiria frequentar uma academia para fazer ginástica ou caminhar ao ar livre, sem pressões, a puxar gavetas emperradas, pesadas, com processos saindo pela culatra, arriscando a derrubá-las nos pés. Não pretendemos nos aposentar nessas condições. Valorizamos muito a saúde em nossas vidas e não estamos dispostos a vendê-la. O rodízio, por horas, no serviço de atendimento ao público, já utilizado em vários locais, vem ameaçando muito o problema.

Outra questão bastante séria nos judiciários Trabalhista e Federal é o relacionamento dos servidores com as chefias imediatas, que muitas vezes beira ao assédio moral no trabalho. É incompreensível que cheguem a ocupar tal posição personalidades abaladas, sem as mínimas condições no trato humano. Não podemos aceitar que tais pessoas se utilizem dessas funções, para humilhar outras e se afirmar, compensando, dessa forma, sua própria mesquinhez humana.

# Sacrifício X bem viver: as tradicionais relações de trabalho estão em xeque

por Gládis Lorinda Ludwig\*



As chefias devem ser compreendidas dentro dos limites de coordenação das atividades do setor. O sindicato deve incentivar um processo de enfrentamento, por meio de denúncias constantes e defesa permanente dos servidores perseguidos por esses perigosos donos do trabalho. Há chefes que pretendem coordenar um setor como o "Príncipe" de Maquiavel, sob o braço: dividindo para governar. O uso dos "fluxicos" como forma de divisão é nítido em muitos setores.

As avaliações das chefias deveriam ser feitas diretamente pelos subordinados, ou melhor ainda, gostaríamos de instituir um sistema de escolha das chefias que contemple a participação dos servidores. Não entendemos os critérios de escolha e de permanência nesses cargos. Em alguns setores, ninguém quer permanecer. Muitas vezes todos vão saindo ou se obrigam a agüentar, por impossibilidade de troca e os causadores do mal-estar no trabalho permanecem eternamente. Esses problemas deveriam ser mais diretamente observados e atacados por uma política de recursos humanos que contemple a oitiva de todos os interessados. Falta uma linha comum de trabalho (metodologia) entre os setores, falta a alguns detentores de cargos de liderança entender seus papéis. Falta democracia e espaço à crítica construtiva, falta distensionar o clima existente em muitos locais de trabalho. Um ambiente bom de trabalho pode resol-

ver muitos outros problemas.

Os problemas explodem justamente nos locais mais repressivos, naqueles em que o trabalhador se despersonaliza, virando um número ou peça de uma máquina, sem interlocução. Os líderes de equipe deveriam assumir uma direção forte, com comprometimento, união e preocupação em tornar o ambiente de trabalho um local agradável, no qual pudéssemos crescer profissionalmente e como seres humanos. As regras, a disciplina, são necessárias e bem vindas, desde que construídas democraticamente e não de forma arbitrária, devendo ser claras a todos os envolvidos, bem como as metodologias de trabalho. Não é a autoridade que faz mal, mas o autoritarismo.

Precisamos lutar para melhorar cada vez mais as condições de vida e de trabalho de todos os trabalhadores e também entender nosso papel de servidor público, que é aquele que não se subordina a uma determinada pessoa e sim a uma organização e aos valores por ela encarnados, tendo autonomia de julgamento, que não pode ser atemorizado pelas mudanças conjunturais nas administrações e governos das instituições a que pertence. Um cidadão comprometido, com uma identidade e uma moral profissional que exclui o servilismo tanto quanto proíbe a arbitrariedade.

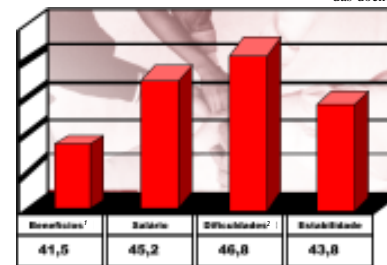
\* Diretora do Sintrajufe

na. Quando questionados sobre a **quantidade de trabalho**, observou-se que os que tiveram aumento apresentaram um índice de 44,74% com sintomas relacionados a doenças osteomusculares, contra 40,46% dos que não tiveram.

Relativamente à **produtividade**, mostrou-se não relevante para o surgimento dos sintomas o fato de ter o estabelecimento de metas ou considerá-las importante, assim como a cobrança contínua para não cometimento de erros.

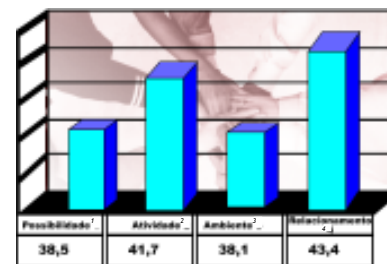
No entanto, o sentimento com relação a atingir ou não uma meta aumenta a incidência, conforme se vê nos seguintes índices: muito preocupado: 46,69%; um pouco preocupado: 42,83% e nada preocupado: 34,88%. Neste ponto, deve-se considerar que, quando perguntadas sobre a cobrança contínua para aumentar a produtividade e para que a meta seja atingida, mesmo as pessoas que disseram não ter meta (pergunta 29) a ser cumprida responderam a essas duas questões, indicando uma tendência, ou seja, de que

**Gráfico 3**  
Fatores que mais motivam a trabalhar no Judiciário



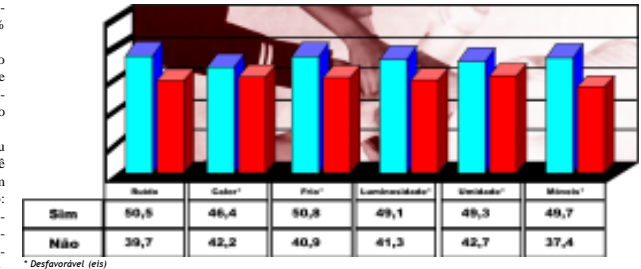
1: Benefícios oferecidos  
2: Dificuldades de conseguir um emprego melhor

**Gráfico 4**  
Fatores que menos motivam a trabalhar no Judiciário



1: Falta de possibilidade de crescimento  
2: As suas atividades/tarefas  
3: O ambiente físico  
4: Relacionamento com os chefes

**Gráfico 5**  
Fatores ambientais



\* Desfavorável (eis)

(a) a cobrança contínua para aumentar a produtividade ou para (b) atingir uma determinada meta aumenta a incidência de doenças osteomusculares.

No item **relacionamento no trabalho** as respostas indicam ser este um fator importante na gênese das doenças osteomusculares. Nos locais onde há maior satisfação com a colaboração dos colegas é menor a incidência de sintomas (gráfico 1), bem como nos ambientes onde existe menor competição (gráfico 2).

A **relação das chefias** com seus subordinados influencia diretamente na incidência de doenças osteomusculares. Tal dado aparece na resposta à questão 42, na qual é perguntado se o chefe exerce corretamente a função de chefia e as respostas são as seguintes: sempre: 39,07%; quase sempre: 45,43%; às vezes: 49,45%; e nunca: 48,81%, mostrando índices inversamente proporcionais, ou seja, quanto melhor a avaliação, menor a incidência de sintomas.

As questões atinentes à interação de chefias versus subordinados evidenciam que quando o chefe procura a colaboração, explica as razões para suas ordens, respeitando seus subordinados, orientando e ajudando na execução das tarefas e reconhecendo os resultados atingidos, é menor a incidência dos sintomas de doenças osteomusculares. O recebimento ou não de treinamento para realizar as tarefas não é fator relevante para a incidência dos sintomas. Porém, quando se busca saber quem forneceu o treinamento descobre-se que a menor incidência ocorre nos que foram treinados em cursos oferecidos pela administração (32,69%). Os que não foram treinados ou o foram apenas por um método ti-

veram um índice médio de incidência de 46,6%. Os que foram treinados por várias fontes levam ao índice médio de 52% para os sintomas osteomusculares. Isso pode ser um indicativo da necessidade de fazerem-se treinamentos regulares e uniformes.

No item **satisfação**, os que estão mais satisfeitos por trabalhar no Judiciário e com o seu desempenho no trabalho apresentam um índice menor de doenças osteomusculares. Sobre quais coisas **mais motivam** a trabalhar no Judiciário, os que responderam dificuldade de encontrar um emprego melhor, valorização social, o salário e a estabilidade têm uma incidência maior para o aparecimento de sintomas (gráfico 3). Sobre quais as coisas que **menos motivam** a trabalhar no Judiciário, os que responderam o relacionamento com chefes e colegas, as suas atividades/tarefas, o ambiente físico e a falta de possibilidade de crescimento têm uma incidência maior para o aparecimento dos sintomas (gráfico 4).

Observamos que todas as perguntas referentes a **monotonia** e **repetitividade** apontam ser importantes a monotonia, a repetitividade e o esforço físico como causadores de maior incidência de sintomas. Os que realizam sempre a mesma tarefa têm uma incidência de 45,82% de sintomas de doenças osteomusculares contra 40,32% dos que não realizam. Aqueles que realizam o mesmo movimento ficam em posição estática ou fazem esforço físico sempre apresentam uma incidência mais elevada de sintomas osteomusculares.

Quanto aos **fatores ambientais**, o questionário também mostrou uma incidência mais elevada de sintomas osteomusculares naqueles que estão expostos a ruídos, calor, frio, luminosidade desconfortáveis em seu ambiente de trabalho.

Da mesma forma, quem está exposto à umidade em seu local de trabalho, utiliza móveis desconfortáveis e está sujeito a posturas não fisiológicas também apresentam uma maior incidência de sintomas de doenças osteomusculares.

\* Diretora do Sintrajufe

\*\* Médica do trabalho, assessor do Sintrajufe